

GILLES LIPOVETSKY E JEAN SERROY

# A cultura-mundo

*Resposta a uma sociedade desorientada*

*Tradução*

Maria Lúcia Machado



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2008 by Odile Jacob

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Obra publicada com o apoio do Ministério francês da cultura – Centro Nacional do Livro.

*Título original*

La Culture-monde — Réponse à une société désorientée

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

© Lihee Avidaû/ Getty Images, 2007

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Valquíria Della Pozza

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Lipovetsky, Gilles

A cultura-mundo : resposta a uma sociedade desorientada / Gilles Lipovetsky e Jean Serroy ; tradução Maria Lúcia Machado. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: La culture-monde : réponse à une société désorientée.

ISBN 978-85-359-1797-0

1. Civilização moderna - Século 21 2. Cultura e globalização  
3. Cultura - Aspectos econômicos 1. Serroy, Jean II. Título.

10-13556

CDD-303.482

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Cultura-mundo : Sociologia 303.482

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# Sumário

INTRODUÇÃO . . . . .	7
A era da cultura-mundo . . . . .	8
Unificação e desterritorialização. . . . .	15
A desorientação cultural . . . . .	18
A desforra da cultura . . . . .	24
1. A CULTURA COMO MUNDO E COMO MERCADO	
O hipercapitalismo ou a cultura global do mercado . . . . .	33
Uma cultura hipertecnológica . . . . .	42
A nova cultura do indivíduo . . . . .	46
Uma cultura de hiperconsumo. . . . .	56
Convergência dos modelos ou guerra das civilizações? . . . . .	61
2. O MUNDO COMO IMAGEM E COMO COMUNICAÇÃO	
As indústrias culturais . . . . .	69
A cultura-tela: ato I . . . . .	73

O mundo da tela global: ato II . . . . .	76
Uma cultura de celebridades: a universalização do estrelato . . . . .	81
A arte no mundo . . . . .	87
Um mundo de marcas . . . . .	94
Cultura ou a-cultura? . . . . .	102

### 3. A CULTURA-MUNDO COMO MITOS E COMO DESAFIOS

Rumo a um planeta homogeneizado? . . . . .	112
Rumo a um mundo americanizado? . . . . .	122
Rumo a um mundo sem alma? . . . . .	132
Rumo a um mundo infantilizado? . . . . .	140

### 4. A CULTURA-MUNDO COMO CIVILIZAÇÃO

Uma formação para o mundo . . . . .	150
Uma cultura de história. . . . .	160
Uma cultura da inteligência . . . . .	163
A busca da vida bela e boa . . . . .	170
Uma política de solidarização do mundo. . . . .	185

CONCLUSÃO . . . . .	193
NOTAS . . . . .	199

# 1. A cultura como mundo e como mercado

Ninguém melhor do que Nietzsche conseguiu teorizar a angústia do homem moderno diante da “morte de Deus”. Mais nada é verdadeiro, mais nada é bom: quando os valores superiores perderam o direito de dirigir a existência, o homem ficou sozinho com a vida. Enquanto o sentimento de vazio aumenta, multiplicam-se comportamentos inebriantes para escapar à noite de um mundo sem valor, ao abismo da falta de objetivo e de sentido. Isso posto, esse modelo que sublinha o fundamento ontológico da crise do mundo moderno é uma etapa que agora se acha transposta. Pois a desorientação contemporânea não resulta mais apenas da depreciação dos valores superiores e da ruína dos fundamentos metafísicos do saber, da lei e do poder, mas da desintegração dos pontos de referência sociais mais comuns, mais “básicos”, provocada pela nova organização do mundo. Em nossos dias, muitas vezes aponta-se a “globalização liberal” como o fator-chave da desestabilização dos indivíduos. A explicação é certamente aceitável, mas insuficiente. Outros elementos estruturais devem ser levados em conta. Na verdade, o desnorteio hipermoderno aumenta para-

lamente com a excrescência do universo tecno-midiático-mercantil e com o estilhaçamento dos enquadramentos coletivos, a individualização da existência, deixando os indivíduos à mercê de si mesmos.

O mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro polos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o *hipercapitalismo*, força motriz da globalização financeira; a *hipertecnificação*, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o *hiperindividualismo*, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante despreendido das coerções comunitárias à antiga; o *hiperconsumo*, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Essas lógicas em constantes interações compõem um universo dominado pela tecnicização universalista, a desterritorialização acelerada e uma crescente comercialização planetarizada. É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores.

Mercado, tecnociência, indivíduo: entregues apenas a si mesmos, esses princípios organizadores dominantes fizeram nascer uma cultura-mundo sem precedentes na história, geradora de um novo “mal-estar na civilização”, de uma nova relação cultural com o mundo. Tudo em nosso mundo de racionalização mercantil e técnica tende a ocultar a dimensão cultural do sistema, de tanto que se afirmam, na primeira posição do agir, os fatores de eficácia e de rentabilidade. Contudo, a hipertécnica e a hipereconomia não produzem apenas um mundo racional-material; elas criam, propriamente falando, uma *cultura*, um mundo de símbolos, de significações e de imaginário social que tem como particularidade ter se tornado planetário.<sup>9</sup> E, se é preciso falar de cultura-mundo, não é apenas em virtude da intensificação das trocas mercantis internacionais e da erosão das fronteiras geográficas, mas também

de uma desregulamentação global em ação em todos os campos da vida social e individual. Não é apenas o “capitalismo desorganizado” das trocas e das mídias que define a cultura-mundo, mas um processo generalizado de desinstitucionalização e de interconexão, de circulação e de desterritorialização ordenando os novos quadros da vida social, cultural e individual.

Neste capítulo, analisamos a cultura-mundo como *sistema* organizador do mundo, antes de tratarmos, no capítulo seguinte, da cultura-mundo como *conteúdos* produzidos, vendidos e consumidos no mundo. A combinação dessas duas dimensões-chave constitui a cultura-mundo hipermoderna.

## O HIPERCAPITALISMO OU A CULTURA GLOBAL DO MERCADO

Desde os anos 1980, o capitalismo entrou em um novo ciclo de funcionamento, marcado pelo dismantelamento dos antigos controles regulamentares que limitavam o mercado concorrencial. Os entraves protecionistas e os enquadramentos administrativos foram eliminados uns após os outros. A fim de obter empréstimos do FMI e do Banco Mundial, os países do Sul se empenharam em políticas de ajuste estrutural destinadas a promover a livre-troca, a redução das barreiras tarifárias e não tarifárias, a livre transferência dos capitais. Vastas zonas de livre-troca foram instauradas na Europa e na América do Norte entre o Canadá, os Estados Unidos e o México (Alena). No cenário desse liberalismo daí em diante “liberado”, as privatizações se espalharam como um maremoto, o peso do comércio internacional mudou de escala, o mercado planetarizou-se. Com o fim do sistema soviético, o liberalismo propagou-se praticamente no mundo todo. O leste da Europa e a Rússia são postos na órbita do capitalismo. A China tornou-se

a oficina do mundo. Ontem, os famosos “dragões” — Coreia do Sul, Taiwan; hoje os “BRIC” — Brasil, Rússia, Índia, China — desenharam o novo horizonte capitalista das décadas por vir. Por toda parte, afora algumas raras exceções, reina o sistema integrado do capitalismo globalizado: o hipercapitalismo.

Para onde quer que se olhe, ele é acompanhado pelo inchaço do setor financeiro e bolsista. Daí em diante, a grande empresa deve orientar toda a sua atividade com vistas à criação de valor para o acionista. O objetivo é alcançar um certo nível de ganhos por ação, correspondente às expectativas dos fundos de pensão, fundos mútuos e outros investimentos institucionais: o hipercapitalismo é aquele em que se afirma o poder das finanças e dos grandes investidores.<sup>10</sup> Agora, as transferências de capitais são efetuadas em tempo real, constituindo um mercado próprio em que a especulação, praticada na tela do computador em rede com todos os computadores do mundo, quase perde contato com a realidade das próprias empresas e torna-se uma espécie de jogo virtual, portador de todos os riscos e de todos os desvios. A liberalização dos mercados, a velocidade dos movimentos de capitais especulativos e a multiplicação dos produtos de risco tornaram o sistema financeiro mundial extremamente instável, tão obscuro quanto incontrolável. A desregulamentação dos mercados financeiros engendrou um sistema que, de fato, escapa a todo controle, ao dos banqueiros, das instituições internacionais, bem como dos governos. A nova era global das finanças inaugurou uma época de desequilíbrios, de imprevisibilidade e de caos crescentes.<sup>11</sup>

Naturalmente, os excessos das finanças não datam de hoje, mas a instabilidade é cada vez mais mundial. Depois da sucessão de crises financeiras na Ásia oriental e na América Latina, Wall Street é que é arrastada pela tormenta, revelando a fragilidade e o caráter caótico do hipercapitalismo: um setor relativamente marginal do sistema — a crise dos empréstimos imobiliários de risco



nos Estados Unidos — desencadeou uma crise financeira cujas repercussões são planetárias. Uma fásca mergulhou as finanças mundiais em uma crise de fortíssima amplitude. Colapsos bolsistas e movimentos erráticos dos mercados financeiros suscitam uma desorientação ainda maior quando ela vem acompanhada da falta de alternativa e do sentimento de impotência dos cidadãos diante da globalização.

A vitória da livre-troca planetária devia trazer o crescimento, a estabilidade, a redução da pobreza. O resultado foi, em muitos casos no mundo, o agravamento da miséria, a precariedade, a incerteza do amanhã ou mesmo o risco, que se acreditava desaparecido, das grandes fomes. No que se refere à Europa, ela vive um persistente desemprego em massa, pela crise do Estado-Providência, pela fragilização do nível de vida, pela degradação da condição salarial, pela acentuação das desigualdades. Por toda parte, a riqueza do mundo progride ao mesmo tempo que as disparidades se acentuam, tanto no plano dos países quanto no das camadas sociais; os mais ricos são cada vez mais ricos, os mais pobres cada vez mais pobres; no ringue planetário, os *winner*s deixam os *looser*s no chão. Metade da população do planeta vive com menos de dois euros por dia. A média dos rendimentos dos países ricos é 37 vezes superior à dos vinte países mais pobres do mundo. Trezentos milhões de acionistas, 90% dos quais estão na América do Norte, na Europa e no Japão, controlam a quase totalidade da capitalização bolsista mundial.

No plano mais micro, acontece o mesmo: na França, a remuneração anual média dos presidentes das sociedades do CAC 40\* (mais de 6 milhões de euros) era, em 2003, igual a mais de duzentas vezes o salário médio e quatrocentas vezes o salário mínimo.<sup>12</sup>

\* Índice estabelecido pela Companhia Nacional dos Agentes de Câmbio com base nos quarenta títulos cotados na Bolsa de Paris. (N. T.)

É nessas condições que o hipercapitalismo é portador daquelas “desilusões do progresso” analisadas não há muito por Raymond Aron. Um pouco em toda parte, aumenta o sentimento de que nosso mundo dá as costas ao ideal democrático de justiça social. Enquanto ainda não temos um modelo alternativo que substitua o mercado, este vem acompanhado de injustiças, diferenças extremas, excessos provocadores que mergulham os cidadãos na desorientação e no medo do “sempre menos”.

As estratégias empresariais que servem de base ao hipercapitalismo foram muitas vezes descritas e analisadas. As grandes empresas se internacionalizam, transferindo a produção para regiões em que o trabalho é remunerado com o menor custo. Cada vez mais, a fim de reduzir os custos e tirar a máxima rentabilidade de seus fundos próprios, elas realizam vastas operações de fusão e de aquisição, redução maciça dos efetivos, *reengineering* da empresa, flexibilização dos empregos, redução dos salários. Transformações que provocaram, mesmo nos executivos, efeitos desmoralizantes, como queda de confiança e forte erosão do sentimento de inclusão na empresa.

Para responder a um mercado mais diversificado e que exige qualidade, a empresa pós-fordista desenvolveu novas formas de organização que, recolocando em questão as hierarquias e as compartimentações burocráticas da era tayloriana, estão centradas na autonomia e na responsabilidade individuais, no envolvimento subjetivo, na polivalência, na reatividade e na iniciativa. Essas transformações gerenciais, ao mobilizar principalmente a subjetividade individual, provocam uma forte ansiedade não apenas naqueles que não dispõem das capacidades de auto-organização e de adaptação permanente, como também nos assalariados em geral, cada um deles tornado responsável por sua situação profissional e por seu futuro. Reforçando a ideia de que o sucesso ou o fracasso em matéria de competência depende completamente do

próprio indivíduo, a empresa pós-tayloriana provoca angústia, baixa autoestima, autodesvalorização. Porque os coletivos de trabalho se estilhaçaram, o indivíduo carrega cada vez mais sozinho o peso de sua própria situação social e profissional.<sup>13</sup> Em um contexto em que as pressões de curto prazo aumentam, os indivíduos vivem com medo da avaliação permanente e de não estarem à altura das exigências da empresa.

Insegurança identitária reforçada ainda em razão do desemprego, dos empregos atípicos, da heterogeneidade dos estatutos, da precariedade dos empregos. Diante disso, os assalariados em situação de fracasso experimentam um sentimento de humilhação e de culpa pessoal, quando antes essas situações eram vividas como um destino de classe. De forma mais ampla, cada um vive o medo de ser desqualificado, de perder o emprego, de “ir para o banco de reservas” passada certa idade. Sobre esse aspecto, Robert Reich fala justamente de uma nova “classe ansiosa”,<sup>14</sup> esclarecendo que “a segurança no trabalho é coisa do passado”. Em um universo livre de referências coletivas fixas, o hipercapitalismo faz crescer a insegurança tanto social quanto individual: ele não acarreta apenas uma instabilidade macrofinanceira, mas também desestabiliza as personalidades e as identidades, desequilibra a vida mental e moral dos indivíduos tornados inseguros e que já não dispõem do apoio dos antigos quadros da vida coletiva. No sistema econômico de curto prazo, em que os trabalhadores são “descartáveis”, um grande número de pessoas, inclusive da classe média, vive uma experiência cruel de fracasso pessoal no isolamento e na vergonha de si mesmo, que dão origem à amargura, ao desencorajamento, à depressão. É dessa forma que diminui o sentimento de fazer diferença enquanto pessoa e de ser necessário aos outros e à sociedade.<sup>15</sup>